

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

A ESCRITA TERAPÊUTICA COMO RECURSO NA INTERVENÇÃO DA TERAPIA
OCUPACIONAL: UMA BREVE REVISÃO.

RECIFE

2022

GABRIELA MARIA GOMES FERRO

A ESCRITA TERAPÊUTICA COMO RECURSO NA INTERVENÇÃO DA TERAPIA
OCUPACIONAL: UMA BREVE REVISÃO.

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Centro de Ciências da Saúde da
Universidade Federal de Pernambuco como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em
Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferrão
Castelo Branco.

RECIFE

2022

RESUMO

A proposta, ou seja, o objetivo deste estudo é investigar como o mundo científico tem abordado a respeito da escrita terapêutica na área da saúde, sondando se este tema também pode se apresentar como recurso para a intervenção da Terapia Ocupacional. Trata-se de uma revisão bibliográfica. Na construção do referencial teórico, foram pesquisados artigos nas bases dados do Scielo, da Bvs (Biblioteca Virtual em Saúde), Google Acadêmico e Lilacs. Com o descritor “escrita terapêutica”, em português e espanhol, no período de 2012 a 2022. Foram selecionados aqueles textos que continham resumo, disponibilizados em pdf, além de atender ao tema referente a esta pesquisa, ou seja, a escrita terapêutica como um recurso utilizado na saúde. Por conseguinte, definir quais profissionais utilizam, bem como, que tipos de casos e públicos são mais recorrentes. Nesta perspectiva, espera-se que esta pesquisa possa contribuir e incentivar futuras produções, aumento do interesse e aprofundamento científico, por profissionais da área da saúde, e principalmente, abrir novos caminhos e teias de ideias e possibilidades para os Terapeutas Ocupacionais a respeito deste recurso.

Palavras-chave: escrita terapêutica; recurso; terapia ocupacional.

1. INTRODUÇÃO

“O melhor de tudo é poder escrever todos os meus pensamentos e sentimentos; se assim não fosse, já teria sufocado completamente.”- Anne Frank, 16 de Março de 1944.

Tornar/transformar sentimentos e emoções em linguagem escrita é o que chamamos de escrita terapêutica é/ou escrita expressiva, e o que se nomeia como expressão emocional, é aquilo que fazemos quando nos referimos à emoção crua (Figueiras & Marcelino 2008).

A escrita terapêutica começou a surgir no século XX e a investigação nesta área foi iniciada nos anos 1980 por James Pennebaker e colaboradores, em que avaliaram e defenderam que ao escrever sobre pensamentos e sentimentos relacionados com acontecimentos estressantes poderia trazer um efeito positivo em diversos aspectos da vida dos indivíduos. A técnica utilizada nos estudos dos pesquisadores Pennebaker e Beall, mais a frente em 1986 consistiram em pedir durante quinze minutos, em torno de quatro dias, que participantes escrevessem sobre temas traumáticos ou superficiais. Os resultados indicaram que o confronto das emoções e pensamentos sobre assuntos pessoais e significativos para os indivíduos tinham um efeito positivo na saúde física nos meses seguintes (Figueiras & Marcelino 2008).

Pennebaker (2004) afirma que não existe teoria única que explique a efetividade do ato de escrever, e que a busca por uma única teoria seria complexa e reducionista. Frisa que para além de explicações, mostra-se efetivo, sendo ainda um método barato e rápido que pode ser utilizado sem grandes restrições.

Os resultados dos estudos deram origem a mais pesquisas em contexto de laboratório, segundo Figueiras & Marcelino (2008), enquanto os estudos de escrita originais pediam às pessoas que escrevessem sobre traumas e experiências, estudos que se sucederam a esse expandiram o escopo de escrever tópicos para eventos emocionais gerais ou para experiências específicas compartilhadas por outros participantes (com diagnóstico de câncer, perda de emprego). A quantidade de tempo que as pessoas foram solicitadas a escrever variou tremendamente de 10 minutos a 30 minutos por 3,4 ou 5 dias - às vezes dentro do mesmo dia uma vez por semana por até 4 semanas.

O paradigma da escrita é bastante poderoso, ressaltam Pennebaker e Chung (2007), envolvendo crianças, idosos, alunos de honra até a segurança máxima dos presos-revelados,

sendo de alcance marcante, revelando profundidade das experiências humanas, além de amores perdidos, mortes, incidentes de abuso sexual e físico, observando-se que falhas trágicas são comuns em todos os nossos estudos. Se nada mais, o paradigma demonstra que quando os indivíduos tem a oportunidade de revelar aspectos de suas vidas, eles prontamente os fazem. Embora um grande número de participantes relate chorando ou profundamente perturbado pela experiência, a esmagadora maioria relata que a experiência de escrita foi valiosa e significativa em suas vidas. O interesse pelo método de escrita expressiva cresceu ao longo dos anos.

O primeiro estudo foi publicado em 1986. Em 1996, aproximadamente 20 estudos haviam sido publicados. Em 2009, mais de 200 foram publicados em revistas de língua inglesa. Embora muitos estudos expressaram a saúde física e os resultados biológicos a partir disso, um número crescente explorou os efeitos da escrita na mudança de atitude, estereótipos, criatividade, memória de trabalho, motivação, satisfação com a vida, desempenho escolar e uma variedade de comportamentos relacionados à saúde (Pennebaker & Chung, 2007). Suas pesquisas mostraram também diminuição biológica de componentes orgânicos ligados ao estresse, mudanças cognitivas através do treino da escrita e também mudanças emocionais, visto que a expressão de temas complexos e traumáticos ao longo do tempo permitia a resignificação do vivido pelos sujeitos envolvidos.

Algumas diferenças, semelhanças e comparações são levantadas ao analisarmos o ato da escrita terapêutica em termos estatísticos, nessa linha de análise se observa o conteúdo e a temática escrita, e para isso existem (sistemas de codificação que são desenvolvidos empiricamente), também se analisa como variam as palavras em uma determinada amostra de texto, como elas se assemelham, como análise de padrões de palavras (análise semântica latente), e por fim focando na análise de conteúdo a estratégia de contagem de palavras, (o que é dito) e no estilo (como é dito), na contagem simples de palavras em termos de unidades gramaticais, ou em dimensões da linguagem relacionadas com as emoções (Figueiras & Marcelino 2008).

Nesta última, e no âmbito do trabalho de Pennebaker e colaboradores começou no início dos anos 1990. Sobre escrita e expressão emocional, foi desenvolvido o “Linguistic Inquiry and Word Count” (LIWC), que permite a análise das palavras em termos da sua classificação gramatical (como artigos, pronomes, preposições, advérbios, etc.), categorias associadas a aspectos psicológicos e cognitivos, conteúdos temáticos, e permite ainda a definição de outras categorias pelo utilizador, além disso foi visto que as mulheres costumam escrever mais, além do conteúdo dela diferente dos homens ser mais detalhado e emocional (Pennebaker, Francis & Booth, 2001 citado por Figueiras & Marcelino 2008).

A Psicologia, tem como ferramenta fundamental de trabalho o discurso falado, já a escrita deve ser olhada sob um novo ponto de vista. Enquanto a fala é impossível de ser retomada. Sabemos que a escrita tem natureza diferente da fala. A escrita fixa-se no tempo na

medida em que é registrada de uma forma permanente e evoca também um diferente compromisso com os nossos conteúdos conscientes e inconscientes. Por ser mais lenta, ocorrem nela diferentes processos. A escrita inicia um processo de interiorização no indivíduo. Ao fazermos vínculo com o conteúdo que flui na escrita, esse processo pode ser estimulado, sendo transformado em qualidade, quantidade e intensidade. A escrita parece surgir a partir de uma reflexão, seguida de uma manifestação de registro como um prolongamento ou síntese da expressão humana (Passalacqua, 2007).

Os terapeutas ocupacionais são habilitados a avaliar todos os aspectos do domínio, suas inter-relações, e o cliente em seus contextos e ambientes. Além disso, os profissionais de terapia ocupacional reconhecem a importância e o impacto da conexão mente-corpo-espírito para a participação do cliente na vida diária. O conhecimento da relação transacional e o sentido das ocupações significativas e produtivas formam a base para o uso de ocupações como os meios e os fins das intervenções (Trombly, 1995)

“Alcançar a saúde, bem-estar, e participação na vida por meio do envolvimento na ocupação” é a afirmação abrangente que descreve o domínio e o processo de terapia ocupacional em seu sentido mais amplo (AOTA, 2015).

“Ocupação é usada para significar tudo que as pessoas querem, precisam ou devem fazer, seja de natureza física, mental, social, sexual, política ou espiritual, incluindo sono e descanso. Refere-se a todos os aspectos reais do fazer, ser e tornar-se humano e também ao de pertencer. Meio prático e cotidiano de auto-expressão, de fazer ou experimentar sentido, a ocupação é o elemento ativista da existência humana, sejam as ocupações contemplativas, reflexivas e meditativas ou baseadas em ações” (Wilcock & Townsend, 2014, p. 542).

A escrita terapêutica na terapia ocupacional, ainda é pouco explorada, tanto em pesquisas, quanto a sua utilização na prática.

Diante deste exposto, com o domínio da Terapia Ocupacional este uso da escrita terapêutica pode se tornar um grande aliado para compreendermos quem é esse sujeito, do que ele necessita, e como intervir a partir disso. Portanto, no decorrer desse estudo, pretendemos identificar quais profissionais se apropriam desse recurso da escrita terapêutica, bem como quais temas são abordados na literatura a respeito do mesmo, pretendo desenvolver também articulações no entendimento de como o recurso da escrita terapêutica pode ser utilizado na prática da Terapia Ocupacional.

2. OBJETIVO

Investigar como o mundo científico tem abordado a respeito da escrita terapêutica na área da saúde, sondando se este tema também pode se apresentar como recurso para a intervenção da Terapia Ocupacional.

3. METODOLOGIA

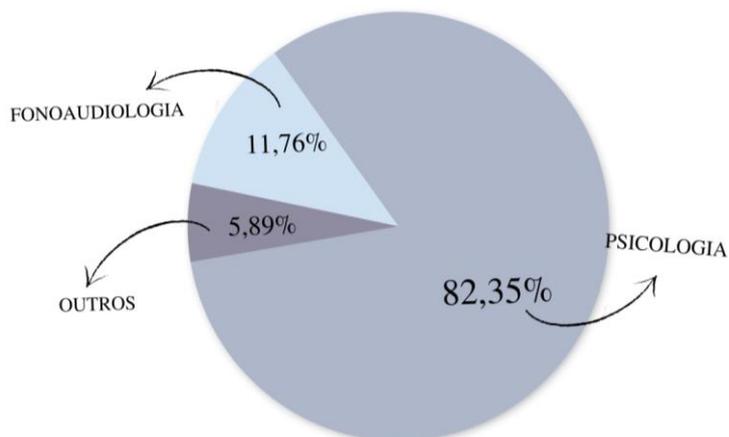
Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (Gil, 2002) tendo como procedimentos a realização de uma revisão bibliográfica.

Na construção do referencial teórico, serão pesquisados artigos na base dados do Scielo, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Google Acadêmico, e Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em ciências da saúde). Com descritores selecionados baseados na temática, em português e espanhol, nos últimos 10 (dez) anos. Foram selecionados aqueles textos que continham resumo e correspondiam aos interesses da pesquisa.

4. RESULTADOS

Com o descritor (escrita terapêutica) - Scielo, sem filtro, foram encontrados (12) resultados. BVS em português e espanhol, “texto completo” nos últimos dez anos foram encontrados (45) resultados. Na plataforma Lilacs, em português e espanhol, sem distinção de tempo, foram encontrados (67) resultados. No Google Acadêmico, o descritor ganhou, aspas, para delimitação do que se era pedido “escrita terapêutica”, textos na língua portuguesa, sem distinção de tempo foram encontrados (174) resultados. Foram selecionados aqueles textos que continham resumo, tinham a disponibilidade em pdf, e se encaixavam com o tema referente a esta pesquisa. Ou seja, a escrita terapêutica como um recurso utilizado.

1- Gráfico com porcentagem de profissões que mais pesquisam e utilizam esse recurso, baseado nos artigos encontrados, nesta pesquisa em questão:



Notou-se que os profissionais que mais pesquisam e utilizam esse recurso, são psicólogos e fonoaudiólogos. O tema abordado em questão é bastante variado, enquanto a sua utilização foram encontrados diferentes públicos. Entre os anos de 2008 a 2010, e 2015 a 2016, foram realizadas mais publicações que o restante dos outros períodos analisados. Acompanhe os resultados a seguir, com a tabela anexada abaixo.

2- Tabela com os nomes dos artigos, ano de publicação, profissões envolvidas, e objetivo principal.

| ANO DE PUBLICAÇÃO | NOME DO ARTIGO | PROFISSÕES ENVOLVIDAS | OBJETIVO. |
|-------------------|---|-----------------------|--|
| 2008 | Escrita terapêutica em contexto de saúde: Uma breve revisão. | Psicologia | Apresenta uma breve revisão sobre o paradigma da escrita terapêutica e sua aplicação em contextos relacionados com a saúde. |
| 2008 | A função da escrita na Psicose. | Psicologia | Discutir a função da escrita na psicose, através dos textos de Pedro, que a cerca de dez anos, produziu numa Oficina de Escrita. |
| 2008/2009 | O processo de perdão no paradigma da escrita expressiva. | Psicologia | Explorar as significações relativas ao perdão através da escrita e a relação entre o perdão e a escrita expressiva. |
| 2009/2010 | As Emoções Positivas enquanto Agente de Mudança no Paradigma de Escrita Expressiva. | Psicologia | Pretendeu-se explorar de que forma a indução de emoções positivas pode influenciar o processo de escrita subsequente, relativo a um acontecimento emocionalmente perturbador. |
| 2010 | Intervenção fonoaudiológica com gêneros textuais em um grupo de escolares. | Fonoaudiologia | Analisar os resultados terapêuticos a partir da introdução de gêneros textuais como funcionamento terapêutico em um grupo de escolares com queixa de distúrbios de aquisição da linguagem escrita. |
| 2012 | Sintomatologia associada ao trauma após a técnica da escrita terapêutica: um estudo exploratório com bombeiros portugueses. | Psicologia | Investigar se existem diferenças na sintomatologia dos bombeiros antes e após uma técnica para promover a expressão emocional sobre incidentes críticos vivenciados durante a atividade profissional. |
| 2012 | Impacto psicológico da prática dos bombeiros: Trauma, saúde mental, e expressão emocional. | Psicologia | Avaliar os efeitos cumulativos da exposição ao longo do tempo; e o último estudo que pretende explorar se a utilização da escrita terapêutica é benéfica no alívio da sintomatologia destes operacionais de socorro. |
| 2013 | Escrever é reescrever: desenvolvendo competências em leitura e escrita no contexto da clínica fonoaudiológica. | Fonoaudiologia | Proposta com os gêneros partiu da produção escrita de uma peça de teatro, baseada em um romance lido em terapia, da publicação da peça em site e de sua encenação. |
| 2015 | A escrita terapêutica no autismo. | Psicologia | Analisa as duas autobiografias de Birger Sellin, autista-escritor, que são retratos da sua luta para se liberar do isolamento autístico glacial. |

| | | | |
|------|--|--|---|
| 2015 | A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. | Psicologia | Compreender se a escrita pode ser usada como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. |
| 2016 | Método, escrita e narrativa. Histórias de um grupo que chegou à velhice. | Psicologia | Apresenta uma reflexão sobre escrita e pesquisa a partir do relato de uma experiência em oficinas terapêuticas para pessoas que chegaram à velhice. |
| 2016 | A escrita terapêutica do autista-escritor Tito Mukhopadhyay. | Psicologia | Analisa os textos de Tito Mukhopadhyay, autista-escritor, que são retratos de sua luta para se liberar do isolamento autístico. |
| 2019 | A escrita como um processo terapêutico. | Psicologia Enfermagem Ed. Física | Analisar as mensagens escritas, espontaneamente, por pacientes em tratamento para fármaco dependência, nas paredes de um Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas. |
| 2019 | Vozes que não se calam: Adolescência, escrita e saúde mental. | Psicologia | Refletir, à luz da literatura e da teoria psicanalítica, sobre as novas formas de cuidado em saúde mental, tendo como fulcro as narrativas de adolescentes em sofrimento psíquico. |
| 2019 | A medicalização para o corpo ansioso no Instagram. | Letras e Linguística | Escrita terapêutica no Instagram, este estudo objetivou investigar as práticas que envolvem o cuidado de si e os modos de subjetivação suscitados por este dispositivo. |
| 2021 | Experiência da escrita: intervenção psicoterapêutica com mulheres em tratamento do câncer de mama. | Psicologia | Subsidiar intervenções com mulheres em tratamento oncológico para o câncer de mama. |
| 2021 | A experiência escrita: As potencialidades da escrita em grupo na clínica das drogalizações. | Psicologia | Refletir sobre algumas possíveis contribuições da escrita, e mais especificamente da tarefa da escrita como objeto de mediação em grupo, como dispositivo para a clínica das drogalizações. |

5. DISCUSSÃO

Na Psicologia em questão vemos a escrita terapêutica presente em diversos universos, um deles está associado a esta escrita com um viés negativo, recordar algo que foi de extrema dificuldade, dor ou sofrimento, mas também existe a perspectiva positiva de fatos ocorridos e vivenciados pelo sujeito.

Pardelha, (2009) trás uma perspectiva nova a respeito da escrita, sendo ela sempre resultado que só vem a partir de um mal necessário, a autora nos atenta ao fato de precisarmos re-experienciar as emoções negativas, aumentando esse contato com temas que confrontam e chegam a ser muitas vezes perturbadores. Buscando uma nova compreensão, um novo olhar a esta temática, começou então a explorar o papel das emoções positivas no âmbito desse paradigma da escrita expressiva, não como o resultado de um processo de mudança inevitavelmente doloroso, mas, enquanto agentes de mudanças capazes de otimizar os benefícios associados a este paradigma. Logo, Emoções Positivas enquanto agente de mudança.

Não é que se desvalorize as importantes conclusões a que a investigação sobre o processamento de experiências negativas chegou, mas verifica-se que o processamento de experiências positivas tem recebido uma menor atenção empírica por parte dos investigadores. Parte-se maioritariamente da premissa de que o processamento de acontecimentos positivos é menos importante, pois, não envolve sofrimento e consequente tentativa de um alívio (Lyubomirsky e col., 2006 citado por Pardelha, 2009).

Segundo Lyubomirsky e col (2006), em seus estudos concluem que o ato de visualizar e escrever sobre si mesmo recordando-se de si próprio em seu melhor momento ou em uma perspectiva de futuro óptimo (best possible selves), foi associado a um aumento significativo imediato no humor positivo. Permite aprender mais sobre si próprio, clarificar e reestruturar as suas próprias prioridades, e compreender em maior profundidade os seus motivos e as suas emoções. Melhorando a sua auto-regulação (Pardelha, 2009).

Reestruturação e resignificação de prioridade estão diretamente ligadas a nossa perspectiva de significação/resignificação de uma ocupação uma vez que ela é alterada aos nossos olhos por algum motivo. Nossas prioridades revelam nossas ocupações e vice e versa. Logo, quando pensamos em Terapia Ocupacional, a AOTA, (2015) nos expõe que para ajudar os clientes a alcançar os resultados desejados, os profissionais facilitam as interações entre o cliente, seus ambientes e contextos, e as ocupações as quais se envolve.

Envolvimento e participação na ocupação ocorrem dentro de um ambiente social e físico situado em um contexto. Compreender os ambientes e contextos em que as ocupações podem e ocorrem, fornecem aos profissionais conhecimentos sobre a abrangência, subjacência e influência no envolvimento (AOTA, 2015).

De maneira positiva vemos ainda a escrita tomando forma no âmbito do que se diz respeito as nossas relações pessoais, onde, a maior parcela da população responde de forma inicial a uma transgressão com outras formas de comportamento negativo, como o evitamento e a vingança. Respostas que são comuns, mas que trazem também consequências negativas para os indivíduos, as suas relações e a sociedade como um todo (McCullough, 2001). No entanto, é possível superar as agressões e conflitos de forma positiva: o perdão é uma dessas formas.

O pioneiro ao estudar cientificamente o perdão sendo aplicado na psicologia Enright (2008), o define como um processo que se inicia pelo reconhecimento do que estamos a sentir um direito ao que estamos sentindo, e esse processo se inicia tanto pelo reconhecimento quanto pela dor. Logo, essa tal transgressão foi, e sempre será injusta, ao outro não ter o direito de nos ofender, e somos dignos de respeito, logo, temos por direito moral o (poder sentir raiva). Perdoar então seria abrir mão de algo a que temos direito: a raiva e ao ressentimento. Logo, para Enright perdoar é um ato de misericórdia e uma dádiva para com o transgressor. E a mudança de nossa relação com nós próprios e com os outros, deixando de sermos controlados pelos sentimentos negativos e de raiva (Enright, 2008).

Enright (2008) nos sugere um diário como recurso para ser utilizado durante todo o processo de perdoar, (de perdão), onde a pessoa em questão narra e constrói sua história,

expressando seus conflitos, complicações, contextos e resoluções associadas à transgressão. Ao fazer determinadas combinações nesse ato de escrita do diário, a pessoa de forma espontânea tem a chance de refletir, e ponderar com esse “despejo” de emoções. À medida que o diário facilita o processo de formar uma narrativa de suas experiências vividas, vai se tornando terapêutico, reforça então o seu progresso e auxilia em uma possível mudança de comportamento, que se encontra desajustado.

Uma investigação de Seligman, Rashid e Parks (2006) demonstrou que a escrita de cartas de perdão diminui os sintomas depressivos e aumenta a felicidade de forma significativa. Os participantes referiram frequentemente que o exercício lhes tinha modificado a vida, ao descreverem a sua experiência associada à transgressão através da escrita. Similarmente, a EE sobre ofensas interpessoais pode fomentar o progresso do processo de perdão, através da resolução de emoções perturbadoras.

Na aquisição da linguagem falada e/ou escrita, podemos também enxergar essencialmente uma terapêutica, neste contexto a Fonoaudiologia é a mais presente.

Essa aquisição da linguagem e escrita se inicia desde a entrada na escola tornando-se formal por volta do sétimo ano de vida da criança. Mas muitas delas não conseguem se apropriar da linguagem efetiva da escrita (Massi GA. 2004, citado por Schneider e col, 2010).

O filósofo e linguístico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) nasceu na cidade de Orel. pesquisador da linguagem humana, um teórico da literatura, sociólogo, etnólogo. Mesmo com toda a sua modéstia, Bakhtin tem tido lugar de destaque entre os pensadores do século XX. O russo estudou com afinco e sagacidade a filosofia, a linguística, a sociolinguística, a crítica literária, a análise de gêneros discursivos e a religião (Lima, 2018).

Para Bakhtin, 2003, os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. Logo Bakhtin nos refere que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Os sujeitos têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados,

conforme (Bakhtin 2003, p.282), “quase da mesma forma com que nos é nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

Kleiman, (2008) acredita que a grande maioria dos problemas decorrentes do insucesso na aprendizagem da leitura e da escrita reflete uma problemática social. A escola tradicional, orientada por um modelo autônomo de letramento, desconsidera os interesses de seus sujeitos e se mostra inflexível ao apresentar um ensino em contextos nada significativos.

Apagam-se os usos em torno da linguagem e o aluno diante de uma posição de autoritarismo entra em um círculo de relações desfavoráveis ao desenvolvimento do letramento e, em virtude disso, pouco aprende. Ou seja, o trabalho pedagógico voltado eminentemente para aspectos metalinguísticos tende a afastar os sujeitos dos usos sociais da linguagem, desenvolvendo, em grande medida, sentimentos de rejeição frente à língua escrita (Signor, 2013).

Logo Signor, (2013) considerando a enorme demanda pelos serviços da clínica fonoaudiológica por sujeitos com supostas dificuldades de leitura e de escrita, pensa que uma prática embasada na teoria de gêneros do discurso de Bakhtin possa ser um recurso terapêutico de grande valia. Preconiza que, através das relações de sentido que a teoria bakhtiniana propõe, seja possível reverter o quadro de instabilidades decorrentes de relações sofríveis com a modalidade escrita da linguagem.

Outros autores nos ressaltam sobre uma mudança significativa, onde é preciso se libertar das amarras de métodos clínicos pautados pela doença e pela norma e aderir a uma clínica verdadeiramente terapêutica, na qual o sujeito e sua história individual, e ao mesmo tempo profundamente social, sejam considerados até às últimas consequências (Berberian; Mori-de-Angelis; Massi, 2006, p. 30).

Considerar não só a doença, mas no processo de intervenção focado no sujeito, e sua história individual e ao mesmo tempo social. É em meio às avaliações da Terapia Ocupacional (AOTA, 2015) que temos a avaliação do perfil ocupacional do cliente, sendo esse passo inicial no processo de avaliação, proporcionando uma compreensão da história ocupacional e

experiências do cliente, padrões de vida diária, interesses, valores e necessidades. Assim, são identificadas as razões do cliente para a procura de serviços, os pontos fortes e as preocupações em relação ao desempenho ocupacional e as atividades de vida diária, as áreas de potencial ruptura ocupacional, os suportes e as barreiras, além de suas prioridades.

Articulo então que não só a escrita terapêutica, mas também a utilização dos gêneros dentro deste recurso possam ser de grande valia para entendermos melhor quem é esse sujeito, não só assim, mas através de suas narrativas em questão como nos é exposto.

Dentro do Grupo de idosos, com Maria Antônia, que tinha Alzheimer, repetia diversas vezes a mesma história sobre sua infância, a depender do tema que era trazido para discussão naquele momento no grupo, ela variava neste “contar” dessa história. E foi a partir disso que escutando ela, indo mais devagar a cada passo, se pôde colher uma narrativa tão rica sobre os efeitos das novas conexões para quem experimenta a perda de tantas delas. Usar a narrativa como método é considerar a potência transformadora dessas pequenas histórias, é poder perceber os efeitos de nossas intervenções cotidianas e produzir uma versão mais interessante dessa experiência, composta de uma rede mais densa (Franco, 2016).

As memórias do passado agora refaziam a história presente, na reunião e acréscimo desses novos e tão ricos elementos.

É justamente essa a importância de se contar uma história: porque assim não deixamos que ela seja esquecida e inventamos a possibilidade de refazê-la. E isso se dá não repetindo discursos que podem terminar em generalizações vazias, mas testemunhando os percursos singulares e podendo escutar o que os outros têm a dizer (Gagnebin 2006, p. 50, citado por Franco, 2016).

A escrita também se faz presente no luto, este, sendo trabalho mais uma vez pela psicologia, este luto como vemos com o “Natimorto” que é a designação dada ao feto que morre ainda dentro do ventre da mãe ou durante o parto. Sempre foi um tema no qual existem pouquíssimas pesquisas, algo que as pessoas evitam falar. Tornando-se cada vez mais difícil a compreensão, pois é pouco falado. Constrange. visto que uma perda no processo gestacional contraria o ciclo da vida (Lima e Fortim, 2015).

O luto de natimortos para Parkes (1998) instaura um luto não autorizado. A questão que se coloca é a seguinte: se a mãe não possui um descendente vivo, logo não é considerada uma mãe legítima, embora tenha vivido a experiência da maternidade durante a gestação. A deslegitimação de seu papel ao ter um descendente que nasce morto a coloca no papel de uma mãe não mãe. Como isso é então vivenciado por essas mulheres?

Essa perda de papel, ou não identificação de um papel está diretamente ligado a Terapia Ocupacional uma vez que ao considerar os papéis, os profissionais de terapia ocupacional estão preocupados com a forma como os clientes constroem suas ocupações para cumprir seus papéis e a identidade percebida, e se seus papéis reforçam seus valores e crenças (AOTA, 2015).

Sabemos que o luto invisível por natimorto, ao contrário do luto comum, necessita de intervenção na maioria dos casos, pois em geral o eu para tornar-se livre necessita de apoio (reconhecimento social e familiar pelo luto e suporte terapêutico) (Freire, 2012). A mulher ainda passa por um processo diferente do outro luto, que distingue um luto do outro, que seria um sentimento de abalo na autoestima, inferioridade para com as outras mães e culpa.

Quando passamos por um evento traumático nos fala Seligmann-Silva, (2008) instituímos uma memória em que o passado é sempre presente, até que seja elaborado aquilo que foi vivido passará e exigirá uma repetição. Essa repetição muitas vezes surgirá de modo doloroso visto que o recordado não corresponde mais à situação original, mas sim as múltiplas edições feitas pela psique, na tentativa de compreender e ressignificar a crise vivida.

Em textos de blogs brasileiros redigidos pelas autointituladas “mães de anjo”, mães que tiveram perda fetal tardia e que escrevem suas experiências na internet. De um modo geral, as descrições que são feitas da experiência da morte do bebe são bastante parecidas com as teorias tradicionais de luto. Trazendo um sentimento de incompreensão, dor e revolta. Onde ao longo do tempo o número de textos diminuem demonstrando melhoras dos sentimento de estresse à uma situação traumática, aumentam também falas de maior aceitação. Apesar disso, existem períodos onde os textos retomam força e sentimento voltam à tona, esse pico coincide com datas comemorativas. Datas de aniversário ou que lembrem o evento da morte (Lima e Fortim, 2015);

Por fim, entre os pontos mais observados por Lima e Fortim, (2015) está o fato de que a escrita por si só pode ser considerada recurso auxiliar na elaboração da perda. O apoio social presente nos blogs é fator inegável de auxílio, mas é possível notar que não é o único motivador para a redação dos textos, muitas vezes escritos sem que haja qualquer interação na página.

O recurso aparece como organizador que auxilia nessa elaboração desse passado que não passa, e no qual se encontra dificuldades de falar verbalmente. Além disso, aparece como ferramenta fundamental para manter viva a memória do filho perdido. A autora traz reflexões sérias a serem analisadas, tais como: Como é possível garantir que as equipes de saúde sigam preceitos básicos de conduta nessas situações, muitos já previstos nos manuais de orientação de práticas em saúde? Como é possível acompanhar e capacitar os profissionais nos hospitais para que sejam capazes de sustentar o apoio nessa situação de crise? Como garantir que tenham condutas humanizadas não somente no papel, mas também no trato, no olhar e na escuta dessas mães? (Lima e Fortim, 2015).

A escrita terapêutica se faz presente no enfrentamento do luto e também no enfrentamento de uma doença, sendo o psicólogo o profissional mais presente também neste contexto.

Quando ouvimos a palavra "câncer" naturalmente remetemos aos piores pensamentos possíveis, dor, mutilação, morte. Historicamente falando é uma das doenças mais temidas. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma o câncer é o nome dado a um conjunto de mais de cem doenças que podem afetar praticamente qualquer parte do corpo, possuindo como principal característica o crescimento desordenado e a proliferação de células para além de seus limites habituais (Burlamaque & Benincá, 2021).

A experiência do adoecimento provoca uma ruptura de quem nós somos, uma ruptura na biografia do indivíduo.

Logo ao falarmos do câncer de mama, pensamos sobre os efeitos que ele pode causar na vida da mulher, podendo gerar traumas às vezes até maiores que a própria enfermidade. Angústias ligadas a perda de um órgão tão importante e representativa ligadas a questões simbólicas no universo feminino ligadas a sexualidade, a maternidade e a feminilidade (Marinho & Amaral, 2017).

Além disso, estudos de campo com pacientes em tratamento para o câncer de mama indicam que fatores como mudanças corporais, limitação de atividades rotineiras, comprometimento da autoimagem, preconceito e rejeição social podem gerar prejuízo nas relações interpessoais, tristeza e desesperança que podem culminar em depressão, ansiedade, angústia e medo (Scannavino e col., 2013; Pisoni e col., 2013; Sá & Carozzo, 2018 citado por Burlamaque & Benincá, 2021).

Dentre as novas possibilidades de intervenções psicológicas com pacientes que enfrentam o tratamento de uma doença grave, destaca-se a escrita como uma potencial intervenção (Marinho & Amaral, 2017).

Assim os autores também nos falam, a escrita favorece a representação e projeção de si como forma de socorrer as demandas subjetivas e intersubjetivas que o sujeito traz junto consigo na vivência de adoecimento oncológico. Assim, com o estímulo à produção de cartas ou depoimentos no interior de um diário, experimenta-se, na psico-oncologia, uma nova forma de expressão do mundo interno e da subjetividade destas pacientes, possibilitando o acesso e a ressignificação dos conteúdos emocionais em prol do enfrentamento do processo de adoecimento e da promoção da saúde mental (Burlamaque & Benincá, 2021).

O terapeuta ocupacional poderá oferecer ao paciente em tratamento oncológico atividades manuais, lúdicas, artísticas e expressivas, gerando autoconfiança, bem-estar e autoestima. Como profissional de saúde que trabalha de forma humanizada, faz-se o acolhimento, apoio, e orientação aos pacientes quanto aos seus direitos, (COFFITO, 2018) A abordagem do terapeuta ocupacional acontecerá tanto na área psíquica quanto na funcional, diante das rupturas decorrentes das perdas sofridas no processo de adoecimento por câncer de mama. O profissional vai promover adaptações e novas formas de executar as atividades

cotidianas da mulher, ressignificando a sua autoimagem e autoconfiança. E ajudando nessa ruptura de quem elas são.

A pesquisa em si inseriu em seu primeiro momento cinco depoimentos impressos de mulheres em tratamento do câncer de mama publicados on-line no blog da FEMAMA. Também foi utilizado um questionário de avaliação elaborado para a pesquisa, para a manifestação de opiniões por parte das pacientes sobre a intervenção realizada. No encontro realizado inicialmente foram entregues os diários, em seguida a pesquisadora em questão realizou a leitura em voz alta dos depoimentos da FEMAMA abrindo espaço para comentários e partilhas. Incentivando-se para que elas pudessem manifestar os fatores de identificação ou não, bem como as lições apreendidas com os depoimentos das mulheres em condições semelhantes às suas (Burlamaque & Benincá, 2021).

As participantes aderiram à tarefa da escrita, o que, como processo terapêutico, facilitou a ressignificação e o redimensionamento da experiência com o câncer de mama pela externalização da mesma na forma de texto. O produto oriundo desse processo comunicativo, isto é, o texto escrito, torna-se, em si mesmo, um instrumento terapêutico que pode ser reutilizado para fins reflexivos tanto de forma privada quanto compartilhado em diferentes âmbitos, inclusive publicado na internet para servir a outras mulheres que enfrentam a mesma situação, reafirmando o significado compartilhado do adoecimento (op. cit).

Na prática de trabalho, trauma, saúde mental e expressão emocional, vemos o exemplo dos bombeiros, as pesquisas em questão estão voltadas a um olhar da psicologia.

O TEPT, (transtorno do estresse pós-traumático, é um distúrbio de ansiedade que se manifesta em decorrência da pessoa em questão ter sofrido experiências de atos violentos ou de situações traumáticas), Pennebaker & Chung, (2007). Alguns indivíduos propensos ao TEPT, bem como a maioria dos demais casos subclínicos podem se beneficiar ao focar em seus mundos psicológicos e sociais em o despertar de suas experiências traumáticas. Quando as pessoas transformam seus sentimentos e pensamentos sobre experiências pessoais perturbadoras para a linguagem, seus aspectos físicos e mentais a saúde muitas vezes melhoram.

O trabalho dos bombeiros requer bastante atenção, e diversas vezes a medida em que estão exposto a diversas situações, principalmente de risco ou de dor e sofrimento, apresentam sintomas dissociativos peritraumáticos e sintomas de pós-stress traumático (PPST) associados à exposição ao trauma no trabalho (Marcelino, Figueiras, & Claudino 2012). Alguns outros exemplos são também a presença de sintomas de distress, ansiedade, depressão, burnout, fadiga, consumo excessivo de substâncias e queixas subjetivas de saúde com maior prevalência das dores músculo-esqueléticas nestes operacionais.

Foi então investigado no estudo de Figueiras & Marcelino (2012), se as tarefas, exigências e exposições constantes a incidentes críticos pertencente a essa profissão de socorro, devam afetar saúde e o bem-estar físico e psicológico dos bombeiros além de investigar se existe um alívio na sintomatologia dos bombeiros após a técnica da promoção da expressão emocional escrita sobre incidentes críticos vivenciados durante a atividade profissional. Já que estudos indicam que os indivíduos que processam as suas experiências traumáticas através da expressão emocional escrita apresentam melhores níveis de saúde.

Este processo revelou segundo Marcelino, D (2012), depoimentos e relatos factuais, onde são focados mais os fatos, relatos não relacionados com a atividade de bombeiro, ou seja, descreviam sobre outras tarefas que iria fazer naquele dia “*estou de folga, vou tomar um café*”, “*Assinei hoje de manhã o meu divórcio*”, e relatos emocionais, como o exemplo a seguir:

“Acidente com criança que morre. É uma grande tristeza profunda. É uma desilusão grande. Imagino a família dessa criança como ficou desolada com a perda de um filho nesta situação. Uma tristeza tão profunda que abre um buraco no chão que não há explicação. É como um baralho de cartas a cair uma a uma (...)”

O trabalho se torna a principal ocupação em uma determinada fase da vida, ele está no grupo que compões nossas (AIVD’S) atividades instrumentais de vida diária, sua complexidade é notória diante de outras ocupações cotidianas, (AOTA, 2015), a prática da terapia ocupacional enfatiza a natureza do trabalho dos seres humanos e a importância da identidade ocupacional (Unruh, 2004 citado por AOTA, 2015) para uma vida saudável, produtiva e satisfatória.

Dentro deste sentido o excesso de trabalho sem levar em conta os outros aspectos da vida, como o sono ou relacionamentos, expõe os clientes ao risco de problemas de saúde (Hakansson, Dahlin-Ivanoff, & Sonn, 2006).

A utilização da expressão escrita como uma ferramenta terapêutica é extremamente simples e pode ser uma forma de autoajuda no dia-a-dia dos operacionais de socorro, mostrando-se útil e benéfica na promoção da expressão emocional sobre os acontecimentos significativos, diminuindo os sintomas decorrentes da exposição a incidentes críticos. É de salientar que independentemente dos seus benefícios, esta técnica não substitui a ajuda ou tratamento especializado, no entanto pode ser usada como uma ferramenta adicional (Figueiras & Marcelino 2012).

Continuando a temática da escrita terapêutica ainda abordada na psicologia vemos ela se apresentar como auxílio para um sujeito em psicose, logo, o que seria escrever para o psicótico? Poderia ter efeitos de apaziguamento que decorreriam da intensificação de relações com a forma escrita da linguagem?

"Pedro" foi o nome fictício no qual a escritora nomeou o paciente do instituto de psiquiatria da universidade federal do Rio de Janeiro, que foi submetido a frequentes internações durante quinze anos de sua vida. Borges, (2008) nos fala sobre essa produção textual que se prolongou durante dez anos, e é até com certa facilidade que se encontra alguns de seus escritos nos hospitais psiquiátricos. Ficou emblemática a imagem do louco com papéis debaixo do braço, mas mesmo assim, ainda há pouquíssima literatura a respeito.

A Oficina começa pela leitura e discussão de texto literário, jornalístico, poético, etc. Passa-se, então, ao momento de escrever sobre o que se discutiu, ou sobre outro tema, se for essa a escolha dos participantes. Depois, cada um lê o que escreveu para que os outros comentem (Borges,2008).

Pedro diversas vezes traz elementos de seus delírios para dentro dos textos, como nos relata Borges, (2008) trás nomeações e mistura com alguns elementos da realidade e de nosso cotidiano, muitas vezes durante a oficina chegou a insistir que o papel da escrita com Pedro,

nessa “metáfora delirante” teria sido lugar de facilitação dessa construção, essa possibilidade teria sido aberta a Pedro pela intensificação das relações com a escrita que a oficina promove.

A psicose então vem, e se declara com uma extensão da voz interior, um sussurro interior que se transforma em eco exterior, de pensamentos, anunciando atos a serem cumpridos, ou comentários sobre estes.

O paranóico percebe o mundo externo e leva em consideração quaisquer alterações que nele possam acontecer, e o efeito que aquele lhe causa estimula-o a inventar teorias explanatórias. Parecem, portanto, muito mais provável que a relação alterada do paranóico com o mundo deva ser explicada inteira ou principalmente pela perda de seu interesse libidinal (Freud, S. 1911).

Para Freud, o doente tirou das pessoas de seu meio e do mundo exterior em geral todo investimento libidinal nelas investido até ali. Tudo se tornou indiferente e sem relação com ele; é por isso que lhe é necessário explicar o universo.

Nos textos de Pedro, de A a Z, a escrita da metáfora. Escrever supõe o gesto de tomar a folha em branco e traçar letras-imagens, de modo a instaurar-se ali a dialética essencial do objeto. Esse gesto implica todo o corpo, posicionamento da escápula, braços, mãos, punhos, dedos... olhar e voz. O corpo tensiona-se para o ato impressor que suporta a articulação entre representação-coisa, representação gráfica, fonemática, gramatical e semântica: articulação que instaura a letra e a lei. Penso que é esse gesto de separação-objetivação, exigido pelo traçar as letras na constituição da escrita, que abre a possibilidade para que a metáfora delirante se deposite no papel com o estatuto de um precipitado de gozo e significante (Borges, 2008).

A psicologia ganha destaque também ao usar e analisar o recurso da escrita terapêutica na adolescência, onde, é por meio da identidade que se organizam as identificações ao longo da vida, ocorrendo de forma mais incisiva nesse período, o indivíduo começa a apresentar e exercer um papel de maior independência, principalmente de seus pais, e em favor disso busca novas identificações em outros meios sociais para além de seu grupo familiar. Nesse

momento ocorre uma quebra, pois o adolescente rompe com a visão idealizada dos pais, assumindo uma postura mais segura e autônoma (Outeiral, 2003).

Sendo proposta uma oficina textual, com um grupo de jovens no CAPSi ao qual a pesquisadora faz parte e já tem um vínculo com os participantes. Uma dessas participantes ao se inserir no mundo através da escrita relata diversos acontecimentos de sua vida, seja em relação a si mesma e suas emoções ou de muitas vezes não se sentir bem consigo, a dor, a automutilação, ou a relação com sua mãe e familiares, sobre a escola, ou até mesmo sobre uma flor que a inspira no trajeto da escola para o CAPSi. Durante as entrevistas ela afirma que escreve sobre diversas coisas e se utiliza da escrita como uma estratégia de cuidado em momentos de vulnerabilidade (op. cit.)

Aqui, vemos o quão complexa é essa relação com seus familiares, e consigo mesmo, a Terapia Ocupacional pode auxiliar na redescoberta e ressignificação dos papéis ocupacionais do indivíduo. A estruturação da rotina pode ser adotada, com o objetivo de reorganizar as circunstâncias que incomodam o paciente, pois, muitas vezes, ele não consegue lidar com situações complexas do cotidiano, e passa a enxergar a automutilação e até morte como única saída (COFFITO, 2018).

A literatura, segundo Pena (2019), enquanto a arte de criar e recriar textos, é preexistente à psicanálise e pode ser considerada como uma expressão inconsciente que através da palavra traduz a experiência do corpo com a realidade. Tendo como base a narrativa da participante, ela nos conta as diversas formas que se apropriou da escrita ao longo de sua vida, no diário, foi onde pode ilustrar o transitar da linguagem do seio familiar ao meio social, contemplando assim, o processo de identificação. Através da Fanfic a adolescente assume o papel de narradora e personagem;

A escrita aqui assume uma outra função que converge a ficção e o real, ao escrever uma fanfic a participante é convocada a reflexões acerca da história, onde se implica e expõe suas opiniões e posicionamentos ideológicos; e através do livro e da poesia, a adolescente expressa o inconsciente que, por meio da palavra escrita, traduz a experiência do corpo com a realidade. Por ser uma expressão também inconsciente, a escrita não ocorre de forma intencional, por isso há sempre algo de novo a emergir, algo que gera estranheza (op. cit.).

Vemos a fanfic como o surgimento novamente de mais um gênero textual, que aqui foi facilitador e motivador para o ato da escrita, não só ele mas também a poesia.

Logo foi visto, que teoricamente e nas entrevistas com a participante exposta acima, foi possível perceber a escrita como um bom candidato a mediador quando articulado com a história de vida do indivíduo como no caso da adolescente, que desde sua infância se expressou através da palavra, atribuindo-a diferentes funções ao longo dos anos (Pena, 2019).

“A vida seria um inferno sem a escrita” (Sellin, 1995).

Ainda em contexto de adolescência, e da psicologia, a literatura nos trás os escritos de dois escritores autistas.

Tito Rajarshi Mukhopadhyay, indiano diagnosticado com um quadro severo de autismo, desde de sua infância Tito primeiramente foi diagnosticado com retardo mental, e logo percebeu-se que manifestava mutismo autístico, demonstrando incapacidade de realizar atividades básicas do cotidiano ou demonstrar compreender o que era dito. Tito apresentava extrema dificuldade de relacionamento com outras pessoas, tinha seu mundo à parte, além de severa dificuldade para coordenação motora, comportamentos estereotipados entre outros (Bialer, 2016).

(Bailer, 2015) nos conta a história de Birger, que dos dois até seus dezessete anos foi diagnosticado débil mental, e em seguida, autista. Expressou apenas uma única frase por todo esse tempo. Manteve uma intensa vida psíquica repleta de sentimentos e pensamentos, e aprendeu a ler e a escrever sozinho, A escrita então se torna para Birger, a maneira de se libertar, se comunicar, e de contar seu sofrimento e alguns porquês de seus comportamentos incontroláveis.

Algo em comum existe nestas duas histórias, elas conversam, os autores demonstram a respeito dessas descobertas de si mesmo e deste mundo isolado no qual muitas vezes, os dois, tanto Tito quanto Birger, vivem. Pois como a autora nos fala; “além de não poderem se comunicar da forma pela qual se pode ter domínio sobre a sua voz, muitas das vezes demonstram comportamentos bizarros sem uma lógica para muitas pessoas. É daí que o uso

da escrita se faz tão fundamental e importante para que possam expressar, manifestar aquilo que estão sentindo” (Bailer, 2015).

E foi observando esse potencial, muitas vezes escondido, e apostando que havia um sujeito pensante e sensível por trás das manifestações autísticas, que a mãe de Tito, Soma decidiu educar seu filho, lendo para ele os mais diversos assuntos, tanto em bengali quanto em inglês. Notando que ele se mostrava interessado e capaz de compreender as mais variadas temáticas, mas não falava, logo ela inventou um método pelo qual ele apontava as letras em um tipo de tabuleiro. Soma começou a utilizar esse método alternativo de letramento quando Tito tinha três anos e meio, e quando ele tinha oito anos de idade, já era capaz de escrever, expressar seus pensamentos e sentimentos, apontando letra por letra nesse tabuleiro, para construir “estórias e poemas de um insight surpreendente, para qualquer um de sua idade” (Mukhopadhyay, 2011 citado por Bialer, 2016).

O método construído pela mãe de Tito pode ser associado a um dos grandes recursos da terapia ocupacional, que tem total competência para avaliar as potencialidades, dificuldades e necessidades do indivíduo para a utilização de produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços de Tecnologia Assistiva, ainda sendo apto para selecionar, indicar, treinar e acompanhar o uso de Tecnologia Assistiva, que auxiliará o desempenho ocupacional, promovendo conforto físico e mental e favorecendo o engajamento nas Atividades de Vida Diária (AVDs) (COFFITO, 2015).

Assim como Tito, Birger desde sua infância se mostra aprendiz das habilidades de escrita e diversas outras, De acordo com Birger Sellin (1995, p.58):

“(...) o fato é que eu já podia escrever e até fazer aritmética quando eu tinha quase cinco, mas ninguém podia notar porque eu era tão caótico, mas eu somente era daquele jeito porque eu tinha medo das pessoas”.

A escrita vem se tornando uma importante aliada no campo do autismo, nos casos dos autistas não verbais ou seja (aqueles que são incapazes de usar a voz para se comunicarem

oralmente). É importante enfatizar a presença, nas duas autobiografias de Birger, de um intenso trabalho psíquico para pensar a si mesmo. Além disto nos ressalta (Bailer, 2015) que escrever nesse caso permitia o deixar fluir o "fluxo de pensamentos", ao encontrar as palavras (Sellin, 1995, p. 92.).

A relação também que Tito começou a construir com as histórias, e essa possibilidade de escrever e se expressar. E principalmente com a escrita que lhe permitiu colocar em palavras o que vivenciava e traduzir a lógica de seu autismo. Logo, em uma intensa produção de histórias, poemas, contos e reflexões autobiográficas publicada em quatro livros, direcionam os leitores, oferece um compartilhar da subjetividade, além dos próprios efeitos terapêuticos que o fato de poder escrever viabilizaram para Tito evidenciando a importância terapêutica da escrita na clínica do autismo (Bialer, 2016).

Etiquetando a realidade, desenvolvendo nomeações e designando, ele se apropria da linguagem, e desse modo, através da apreensão da realidade, surge uma nova modalidade de organização, outro importante fator terapêutico evidenciado na escrita de Birger. Assim, a escrita com essa vontade intensa de se comunicar e ser ouvido e escutado, principalmente por pessoas próximas, viabiliza o laço com o outro, um apoio que se torna indispensável para Birger enquanto o próprio desenvolve suas estratégias (auto) terapêuticas (Bailer, 2015).

Sentir-se compreendido por outros humanos é extremamente importante para que Birger possa se sentir pertencente, ter um lugar no mundo (Sellin, 1995).

Não obstante a escrita auxilia no lidar com as drogas, e aqui vemos a atuação e o olhar não só dos psicólogos em questão mas também da enfermagem e da educação física no processo de intervenção e pesquisa.

Nas mais diversas culturas e contextos, com seus diferentes objetivos, as drogas são consumidas há muitos anos. Era vista como uma prática social, não sendo considerado um problema, ou não sendo controlada pelo governo. E com o passar do tempo, a visão sobre as substâncias psicoativas foram tomando novas formas, e interpretações (Oliveira e col. 2019).

Com o início da proibição das drogas também vieram diversas mudanças econômicas e sociais, que trouxeram péssimos resultados. Com o controle do mercado dessas substâncias, deixando de ser do estado, passou a ser controlado pelas mãos de criminosos, sem fiscalização sobre esses produtos comercializados. Aumentando assim o nível de violência. Logo, a sociedade reagiu em protesto (Oliveira & Carneiro, 2014).

Os sujeitos são tomados por um impulso instintivo que os leva à "repetição". Para isto, Freud em 1920, nomeou de "Pulsão de Morte", um desejo do aparelho psíquico de atingir o nirvana, a paz, seu gozo total. Entretanto, para chegar a isto, seria necessário um total descarregamento das tensões e ausência total de estímulos, o que caracterizaria a falta de vida e, por consequência, a morte. Trazendo para o contexto da drogadição, podemos relacionar as recaídas com ideia de pulsão de morte, sendo esta uma compulsão suficientemente poderosa para suprimir o consciente, dispensando, inclusive, certos aspectos da mente (Oliveira & Carneiro, 2014). Imaginemos um sujeito resistindo às recaídas, mesmo após longos períodos de abstinência e de tratamento, o indivíduo pode vir a tê-las novamente, já que o uso da droga funciona para ele como recurso já conhecido para alívio da angústia (Vianna, 2014).

Vianna continua a nos explicar, que as recaídas também podem ser mais bem entendidas com base no conceito de Freud, o de "viscosidade da libido", em que, a partir do momento em que o indivíduo investe libido em um objeto e este o traz satisfação, o sujeito tem muita dificuldade em abandoná-lo, e as drogas, tem ainda como benefício adicional resposta intensa e imediata (op. cit.) logo, tanto pela (pulsão de morte) quanto pela (viscosidade da libido), se torna cada vez mais evidente a necessidade de acompanhar e trabalhar a subjetividade do sujeito e a dependência química (Oliveira e col. 2019).

As abordagens terapêuticas visam trabalhar nos pacientes seus medos, anseios, e objetivos, mas, mesmo quando acompanhados por profissionais, muitos apresentam dificuldades para expressarem-se verbalmente durante a realização das atividades, levando-os, por vezes, a buscarem formas alternativas de exprimir seus sentimentos, como através da escrita. A pesquisa e análise feita por Oliveira, (2019) partiu da *bricolagem* da realidade dos sujeitos que estão em tratamento para dependência química em um Centro de Atenção Psicossocial – CAPS Álcool e Drogas de um município do interior do Maranhão. A

bricolagem vem apresentar a possibilidade de criar-se algo novo a partir de diferentes materiais disponíveis.

O autor então traz a reflexão a partir de mensagens expressivas, marcadas em paredes e outros contextos dentro da instituição, mensagens essas de revolta, ou que remetem a família, e até mesmo petições a Deus.

O poder reparador da escrita pôde ser observado por meio da auto transferência do autor com o seu texto, acredita-se que o próprio ato de expressar já sirva como alívio psíquico para o sujeito que se encontra em situação de sofrimento ou angústia, mesmo que não seja possível conhecer os autores das inscrições (op. cit.).

Observamos também na pesquisa em psicologia, de Nascimento, (2021); Um trabalho que tratava-se de uma oficina de jornal com encontros semanais de duas horas realizados em um CAPS AD de São Paulo e coordenado por dois terapeutas, uma residente de Terapia Ocupacional e eu, um residente de Psicologia. Aqui o grupo, e as atividades terapêuticas em grupo são o foco. A pergunta mobilizadora deste processo de acolhimento era “*Qual a marca que você quer deixar nesse jornal?*”.

Segue agora a descrição sobre o processo :

“Os textos eram escritos pelos usuários durante a semana e o encontro era um espaço para leitura e discussão deles e das temáticas emergentes. Na condução dos encontros nos dividíamos como coterapeutas. Minha colega T.O. entrava mais diretamente na tarefa do grupo ajudando a pensar no tamanho dos textos e na forma de organização das ideias, e eu ficava mais atento aos elementos psíquicos emergentes dos processos grupais” (Nascimento, 2021).

Era então iniciado o encontro com a leitura dos textos escritos durante a semana, e após a leitura de cada texto era reservado um espaço para que pudesse ter um espaço de fala, reflexão e surgimento das ressonâncias psíquicas do material, indagados pela pergunta “*Como este texto ressoa em vocês?*”. Os participantes falavam então livremente a respeito.

De um ritmo frenético a respeito de um tema, saiam para um silêncio. Logo é como se a temporalidade do encontro se transformasse (Nascimento, 2021).

O autor Nascimento, (2021) conclui que nessas cenas testemunhamos o movimento de produção de textos e da relação intersubjetiva mediada pela tarefa, a retomada de um sentido convocatório para a linguagem e de uma forma de sociabilidade que parece fazer resistência aos mecanismos evacuatórios e à destrutividade do agir impulsivo. Escrever de sua história na oficina é escrever para os colegas do grupo, mas é também escrever para alguém que o jornal enquanto dispositivo deixa em suspenso e que cada paciente preenche à sua maneira.

Uma carta, um relato autobiográfico ou até mesmo uma reportagem investigativa dirigida ao prefeito. O relatos autobiográficos de ex-usuários de drogas, mais do que uma intenção retrospectiva que permite retomar a parte do desejo que estava viva antes do hábito, o que vemos nestas vinhetas é a possibilidade de retomada de um sujeito para fora dos espaços de uso, que dirige sua fala a um alguém que espera poder escutá-lo, e encontra no grupo as reverberações que sua palavra produz (Nascimento, 2021).

Assim como foi analisado a terapêutica dentro dos escritos achados pelas paredes, também podemos nos deparar atualmente com um grande meio para expressão e propagação de pensamentos, que são as redes sociais.

Os meios de comunicação e, por consequência, os artefatos tecnológicos, a exemplo dos dispositivos móveis, tornaram-se verdadeiras extensões do sistema nervoso central. Atualmente, o sujeito pode até viver isolado, mas não totalmente desconectado (Luz e col 2017). A redes sociais tornaram-se neste século o local de maior material discursivo da atualidade, ao considerar essas redes digitais (Instagram, Facebook, Twitter, Whatsapp) é possível identificar, cada vez mais, enunciados que tratam sobre o transtorno de ansiedade nestes espaços (Moura e col, 2019).

As relações de discurso deste século são bastante pautadas e marcadas por dinâmicas de ansiedade. Um tempo onde vivenciamos a era das tecnologias, da produção industrial em larga escala, da globalização, da comunicação instantânea e da multiplicidade das informações, os discursos contemporâneos pautados nesta temática mostram um cenário onde

o transtorno de ansiedade é, atualmente, o campeão no ranking mundial das psicopatologias que mais incapacitam os sujeitos no mercado de trabalho, com cerca de 33% da população afetada (Courtine, 2016; Borges; Julián, 2017) . Desta estimativa, 9,3% são compostos por brasileiros, maior taxa mundial de casos confirmados, de acordo com a organização mundial da saúde.

Os autores desta pesquisa trazem as ideias de Charaudeau (2013, p. 15) que nos fala sobre as mídias refletirem as relações de discurso provenientes ao âmbito social por oferecer quase que instantaneamente um intermédio entre o sujeito e sua própria realidade. Ela é como uma teia em que os laços sociais são conectados, formando uma rede comunicativa, dinâmica e interativa com o intuito de compartilhar valores, hábitos, costumes, interesses, ideologias entre os sujeitos”, pois, assim como em qualquer outra mídia, as redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter) também são espaços de desterritorialização da realidade legitimada através dos discursos, ou seja, estas também se organizam em volta de atores, estruturas e ideologias que envolvem o universo dos sujeitos, de modo que “a construção de si é realizada por meio do processo comunicativo, via extensão tecnológica, na esfera digital”, seja em tempo real ou não (Luz e col 2017, p. 1420).

O conceito de biopolítica é bastante relacionado com a forma de atuação dessas mídias, é trazido por Foucault, como mecanismos biológicos que passam a fazer parte das estratégias políticas, observando: higiene, alimentação, hábitos, indo mais a fundo, são políticas de intervenção e controles reguladores para a manutenção da vida. E são nas tais (sociedades de controle) onde elas se inserem e atuam. Incentivando a produção de sujeitos saudáveis, com maior longevidade e, conseqüentemente, aptos a produzirem para a sociedade. Esse controle se faz por meio de tecnologias de disciplinamento e governo, suscitando uma espécie de “falsa” consciência de autonomia quanto aos cuidados com a sua própria saúde, corpo e felicidade (Foucault, 2018 citado por Moura e col, 2019).

Deste modo, o cuidado de si leva os sujeitos a olhar reflexivamente para dentro, de modo que esta ação permite que este, ao se conhecer, respeite os próprios limites e atinja o autocontrole. Observa-se que, nas materialidades do Instagram, há uma crescente aparição de perfis que tratam dos transtornos de ansiedade a partir de um olhar poético e medicalizador, definido, assim, modulações para o corpo ansioso (Moura e col, 2019).

Partindo dessas proposições, os autores desta pesquisa, selecionaram dois posts (que versam entre materialidades imagético-verbais e legendas) extraídos do perfil @akapoeta, no Instagram, tendo a escolha desta página justificada pela abordagem poética do próprio transtorno de ansiedade como temática central, imbricados de contornos biopolíticos em suas materialidades discursivas (op. cit).

No Instagram, particularmente, observa-se a emergência de perfis cujas postagens apresentam-se delineadas por discursos que envolvem a ansiedade, imprimindo na materialidade verbo-visual os sintomas do próprio transtorno com intensidades variáveis, bem como convidando os sujeitos ao cuidado de si por meio da escrita terapêutica. Este instrumento terapêutico, ao possibilitar a externalização e/ou assimilação objetiva dos pensamentos, viabiliza a racionalização, o extravasamento e, conseqüentemente, o controle das crises (Moura e col, 2019).

Ocupar, compartilhar, trocar e incluir são verbos que permitem o existir. A Terapia Ocupacional conta com oficinas e projetos que visam não só à ocupação em si, mas, também, ao compartilhamento, à troca e à inclusão, fazendo com que o indivíduo exista de forma plena, sentindo-se útil e produtivo (COFFITO, 2018).

Figura 1 - Post extraído do perfil @akapoeta



Fonte: www.instagram.com

6. CONCLUSÃO

Diante de todo o exposto é evidente que a escrita como um recurso sendo utilizado na saúde se apresenta em diversos universos, dentro das temáticas e em sua grande maioria existe essa tal significação/resignificação se observa ao decorrer da discussão o paradigma da escrita, onde se apresenta como um recurso terapêutico para resignificar um trauma, aliviar o estresse de trabalho, confrontar e ajudar no luto, ou até mesmo no enfrentamento de uma doença grave. Mas não só isso, a literatura nos fala sobre uma escrita focando em pensamentos positivos e de um futuro próximo.

Através da escrita pessoas que passam por surtos psicóticos podem ter a chance de expressar o que veem, falar o que tem dentro de suas mentes, neste mesmo sentido, este recurso é como uma aliada amiga, sendo a ponte entre o espectro autista e o mundo que nos rodeia. O enfrentamento de crises de ansiedade, e processo de desuso das drogas também está presente em contexto da escrita terapêutica.

A escrita e sua ampla gama ainda nos trás possibilidades de uso a partir dos gêneros textuais, onde através de um gênero que nos representa melhor podemos ter novas experiências com o ato de escrever e ler, e logo, passar a melhorar essas habilidades tão importantes em nosso cotidiano. Não obstante a escrita demonstra que o fato de expressarmos o perdão e trabalharmos isso dentro de nós de forma escrita é em muitos casos mais desafiador, ao mesmo tempo em que libertador.

Sobre os profissionais que se apropriam em utilização e pesquisa desse rico recurso, estão em maior evidência os psicólogos, em segundo momento, os fonoaudiologia, e em menor número pedagogos, profissionais de linguística, educadores físicos e enfermeiros.

Em todos os textos, a Terapia Ocupacional foi citada uma única vez como auxílio na intermediação entre os grupos realizados em uma das pesquisas.

Visto que dentro deste processo da terapia ocupacional temos o plano de intervenção que é:

“O plano que irá guiar as ações tomadas e que é desenvolvido em colaboração com o cliente. Baseia-se em teorias selecionadas, quadros de referência, e evidências. Estabelecem-se os resultados alvo a serem alcançados” (AOTA,2015).

Diante das teorias selecionadas a respeito dos efeitos positivos da escrita terapêutica podemos visualizar que ao nos basearmos nelas, dentro do Raciocínio clínico da Terapia ocupacional passamos a compreender nessa observação, avaliação, intervenção do sujeito a história ocupacional dele, sua história de vida, atividades preferidas, hábitos, papéis, a fim de incorporar as atividades suas de preferência, construindo assim não só um vínculo mais duradouro e profundo mas também uma experiência realmente significativa para o indivíduo.

Sendo as ocupações o principal objeto de estudo e foco da terapia ocupacional, a escrita é importante em diversas de nossas ocupações diárias, tais como ir a escola, estudos, trabalho, escrever uma receita, mandar uma mensagem ou carta, se comunicar nas redes sociais, socializar e o viver social, verbalizar algo, e -- se deixar ser lido.

Profissionais de terapia ocupacional reconhecem que a saúde é apoiada e mantida quando os clientes são capazes de envolver-se em casa, na escola, no local de trabalho e na vida comunitária. Assim, os profissionais estão preocupados não só com as ocupações, mas também com a variedade de fatores que fortalecem e tornam possível o envolvimento e a participação dos clientes em ocupações positivas que promovam saúde (Wilcock & Townsend, 2014).

Este estudo possibilita abrir um leque de pensamentos e novas ideias, sobre o quão rico seria a utilização da escrita terapêutica desde o momento do Terapeuta Ocupacional raciocinar sua intervenção conhecendo aquele sujeito, e o avaliando diante de seus escritos, até chegar enfim a sua prática, usando o recurso da escrita terapêutica principalmente com o foco de refletir ocupação. Tendo sido essa ocupação alterada, modificada de alguma forma durante os diversos processos e histórias de vida enfrentadas por cada sujeito, a escrita vem como esse potencializador de começo, aprendizagem, ou recomeço do cotidiano e do se “ocupar” no qual a terapia ocupacional se detém com tanta propriedade, cuidado, e humanização.

As conclusões obtidas devem ser interpretadas como estímulo para desenhar novos estudos quer pela perspectiva de dar continuidade a esta linha de investigação, quer pela motivação de superar as limitações e escassez identificadas dentro da nossa profissão.

7. REFERÊNCIAS

- American Occupational Therapy Association. (2015). **Occupational therapy practice framework: Domain and process** (3rd ed.) Rev Ter Ocup Univ São Paulo ;26(Ed. Especial):1-49.
- Bakhtin, M. (2003). **Os gêneros do discurso**. In: **Bakhtin, M. Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. p.261-306. <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26929>>
- Berberian, A. P.; Mori de Ngelis, C. & Massi, G. (2006). **Letramento: referenciais em educação e saúde**. São Paulo: Plexus. <<https://www.scielo.br/j/icse/a/yWprLXc57D8G4jM5DpVH68c/?lang=pt>>
- Bialer, M. (2015). **A escrita terapêutica no autismo**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 18(2), 221-233.
- Bialer, M. (2016). **A escrita Terapêutica do Autista-escritor Tito Mukhopadhyay** - Estilos clin., São Paulo, v. 21, n. 2, maio/ago. 390-411.
- Borges, S. (2008). **A função da escrita na psicose**. Estilos da Clínica, Vol. XIII, nº 25, 52-63. Rio de Janeiro.
- Borges, M; Julián, M. (2017) **O poder da esperança: segredos do bem-estar emocional**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- Burlamaque, A. Benincá, C. (2021). **Experiência da escrita: intervenção psicoterapêutica com mulheres em tratamento do câncer de mama**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 17, n. 3, p. 670-686, set./dez.
- COFFITO, (2018). **A atuação do terapeuta ocupacional em pacientes com câncer de mama**. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10101>> Acesso em: 24/10/2022

COFFITO, (2018). **A Terapia Ocupacional na prevenção do suicídio – de redescobertas a reencontros**, Disponível em: < <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=9470> > Acesso em: 24/10/202.

COFFITO, (2015). **Resoluções e normatiza atuação do terapeuta ocupacional na Tecnologia Assistiva e na Saúde do Trabalhador**. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=2704> > Acesso em: 24/10/2022.

Courtine, JJ. (2016). **A era da ansiedade: discurso, história e emoções**. In: Cursino, L.; Sargentini I, V.; Piovezani, C. (Orgs). (In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EduFSCar, p. 15-29.

Charaudeau, P. (2013) **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2. ed. 2a reimpressão. São Paulo: Contexto,, p. 15- 29.

Doederlein, J. [@AKAPOETA]. (s.d.) [Instagram perfil]. Instagram. Recuperado em 6 de outubro de 2022., In HTTPS: <<https://instagram.com/akapoeta?igshid=ODBkMDk1MTU>>

Enright, R. (2008). **O poder do perdão**. Cruz Quebrada: Estrela Polar.

Figueiras, M. J. & Marcelino, D. (2012). **Sintomatologia associada ao trauma após a técnica da escrita terapêutica: um estudo exploratório com bombeiros portugueses**. Psychology, Community & Health.

Figueiras, M. J. & Marcelino, D. (2008). **Escrita terapêutica em contexto de saúde: Uma breve revisão**. Análise Psicológica , 2 (XXVI): 327-33.

Franco, L. O. (2016). **Método, escrita e narrativa. Histórias de um grupo que chegou à velhice**. Pesquisas e Práticas Psicossociais 11 (1), São João del Rei, Janeiro a junho.

Freire, T.C. (2012). **Transparência psíquica em nova gestação após natimorto. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia**. Universidade de Brasília, Brasília, DF. –
<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11514/1/2012_TeresaCristinaGuedesPaulaFreire.pdf>

Freud, S. (1911). **Notas psicanalíticas sobre um relato auto biográfico de um caso de paranóia**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. 12, p. 15-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Gil, Antônio Carlos, (2002) - **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo :Atlas.

Hakansson, C., Dahlin-Ivanoff, S., & Sonn, U. (2006). **Achieving balance in everyday life**. *Journal of Occupational Science*, 13, 74–82. <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2006.9686572>

Kleiman, A. (2008). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras.

Lima,S. Fortim, I. (2015). **A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 18(4), 771-788, - <<http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12>>

Lima, Milton Pereira. (2018). **Noções básicas de conceitos em Bakhtin**. Marabá, Pará.- https://epg.unifesspa.edu.br/images/Artigos/EPG_2018/Milton-Pereira-Lima.pdf

Luz, A ;Caiado, R; Fonte, R. (2017). **O instagramer e seu discurso multissemiótico na rede social digital Instagram**, *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 06, n. 02, p. 139-158.

Lyubomirsky, S, Sousa, L, & Dickerhoof, R. (2006). **The costs and benefits of writing, talking, and thinking about life's triumphs and defeats**. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(4), 692-708.

Marcelino, D. Figueiras, M. J., & Claudino, A. (in press). (2012). **Impacto da exposição a incidentes críticos na saúde e bem-estar psicológico dos tripulantes de ambulância**. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13(1).

Marcelino, D. (2012). **Impacto psicológico da prática dos bombeiros: Trauma, saúde mental, e expressão emocional**. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Marinho, V, L, & do Amaral, L, R. (2017). **Mulheres mastectomizadas: sentimentos e significados diante do diagnóstico e autoimagem.** REVISTA CEREUS 9(2), 154-169.

McCullough, M. E. (2001). **Forgiveness: Who does it and how do they do it?** Current Directions in Psychological Science, 10, 194-197.

Moura, T. & Silva, F. & Ney, L. (2019). **A medicalização para o corpo ansioso no Instagram.** Revista tecnologia e sociedade.

Nascimento, G. A (2021). **Experiência escrita: As potencialidades da escrita em grupo na clínica das drogadições.** Vínculo v18n2 São Paulo mai-ago 2021. Acesso em : <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902021000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt >

Outeiral, J. (2003). **Adolescer: estudos revisados sobre adolescência.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter.

Oliveira, W F. Carneiro H. (2014) [Orgs.] Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Saúde. **Curso de Atualização em Álcool e Outras Drogas, da Coerção à Coesão.** Políticas de saúde mental e direitos humanos [Recurso eletrônico]. Florianópolis: Departamento de Saúde Pública/UFSC.

Oliveira, R : Santana, E; Rosa, C & Ferreira, R. (2019). **A escrita como um processo terapêutico.** Temas em saúde Volume 19, Número 6 ISSN 2447-2131 João Pessoa.

Passalacqua, C. I. (2007). **Um estudo sobre as propriedades da escrita enquanto instrumento de expressão do indivíduo.** Anais do Seta. <<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/294>>

Pardelha, T. (2009/2010). **As Emoções Positivas enquanto Agente de Mudança no Paradigma de Escrita Expressiva.** Universidade de Lisboa, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde. Lisboa.

Parkes, C. M. (1998). **Luto: estudos sobre o pesar na vida adulta.** São Paulo: Summus.

Pena, L. (2019). **Vozes que não se calam: adolescência, escrita e saúde mental**. UniCEUB Faculdade de Doença e Educação. Brasília.

Pennebaker, J. W. (2004). **Theories, Therapies, and Taxpayers: on the complexities of expressive writing paradigm**. *Clinical Psychology: Science and Practice*.

Pennebaker, J. W., & Chung, C. K. (2007). **Expressivewriting, emotional upheavals, and health**. In H. Friedman & R. Silver (Eds.), *Handbook of health psychology* (pp. 263-284). New York: Oxford University Press.

Schneider, A, Souza, A & Deuschle, V. (2010). **Intervenção Fonoaudiológica com gêneros textuais em um grupo de escolares**. *Rev. CEFAC*. Mar-Abr.

Seligman, M., Rashid, T., & Parks, (2006). **A. Positive psychotherapy**. *American Psychologist*.

Seligmann-Silva, M. (2008). **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. *Psicologia Clínica*, 65-82(1).

Sellin, B. (1995). **I don't want to be inside me anymore: messages from an autistic mind**. (A. Bell, trad.). New York: Basic books.

Signor, R. (2013) **Escrever é reescrever: desenvolvendo competências em leitura e escrita no contexto da clínica fonoaudiológica**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 123-143.

Trombly, C. A. (1995). **Occupation: Purposefulness and meaningfulness as therapeutic mechanisms** (Eleanor Clarke Slagle Lecture). *American Journal of Occupational Therapy*, 49, 960–972. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.49.10.960>

Vianna, A. G. (2014) **A aliança do supereu com a pulsão de morte no uso de drogas**. *TempoPsicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 46.2, p. 299-314, 2014.

Wilcock, A. A., & Townsend, E. A. (2014). Occupational justice. In B. A. Boyt Schell, G. Gillen, & M. Scaffa (Eds.), **Willard and Spackman's occupational therapy** (12th ed., pp. 541–552). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins.